

Autores: Flávio Fernandes Vasco e Eline Maria Moura Pereira Caixeta

Unidade Acadêmica: Faculdade de Artes Visuais – UFG.

E-mail: flaviovasco@yahoo.com.br

Palavras- Chave: arquitetura e cidade, cultura arquitetônica, lugar, entorno, paisagem urbana

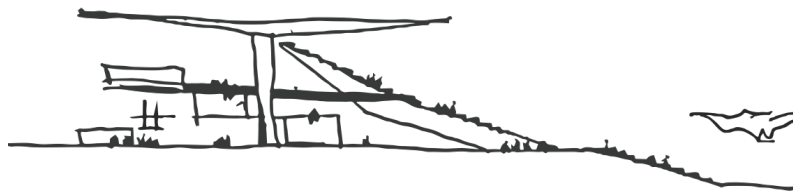
Área do Conhecimento: Arquitetura e Urbanismo

Sub-área do Conhecimento: Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo

Julho/2011



ESTÁDIO SERRA DOURADA: paisagem e lugar construído



Revisado pela orientadora

Orientando: Flávio Fernandes Vasco

Orientadora: Eline Maria Moura Pereira Caixeta

Colaboradores:

Ana Stéfany da Silva Gonzaga, Juliana Cristina de Souza, Mariana Del'Aqua,

Raiane da Silva Dias e Robson da Silva Leão Júnior

1. Introdução

A arquitetura não pode ser um mero jogo de formas. Essa idéia não decorre do fato óbvio de que a arquitetura está atrelada à sua finalidade prática e a muitas outras condições externas. Mas, se uma construção não preenche as condições básicas formuladas para ela fenomenologicamente como símbolo da existência humana, não é capaz de influir nos sentimentos e emoções ligados à nossa alma com as imagens que um edifício cria. A arquitetura é uma expressão direta da existência, da presença humana no mundo. É uma expressão direta no sentido de que se baseia em grande parte numa linguagem do corpo da qual nem o criador da obra nem a pessoa que a vivencia estão conscientes. É um processo intrínseco.

Para Juhani Pallasmaa (1986 in: NESBIT, 2008), a sensação da solidão é um dos sentimentos básicos proporcionados pela arquitetura, assim como as do silêncio e luz. Uma forte experiência da arquitetura sempre desperta uma sensação de solidão e silêncio, independente do número de pessoas presentes ou do barulho. Pallasmaa afirma, ainda, que a paisagem natural nunca expressa solidão da mesma maneira que um edifício. A natureza não precisa da presença do homem para explicar a si mesma, mas um edifício representa seu construtor e proclama a ausência dele.

A experiência mais vasta e possivelmente mais importante que se pode ter da arquitetura é a sensação de estar em um lugar único. Uma experiência marcante sensibiliza toda nossa receptividade física e mental. É difícil apreender a estrutura de sentimento, por causa de sua imensidão e diversidade.

Segundo Kate Nesbit (2008, p.443), a teoria do fenômeno do lugar de Norberg-Schulz “identifica o potencial fenomenológico da arquitetura como a capacidade de dar significado ao ambiente mediante a criação de lugares específicos”. Assim sendo, o propósito da arquitetura é ajudar o homem a habitar. Ela só começa a existir quando concretiza o *genius loci*, ou seja, quando reúne as propriedades do lugar e as aproxima do homem. Por isto é fundamental para a arquitetura compreender a ‘vocalização’ do lugar (SCHULZ, 1976 in: NESBIT, 2008).

Baseado nessas abordagens sobre a compreensão do lugar, o estudo do Estádio Serra Dourada (1973) busca o resgate da memória e a identificação do espaço transformado. Vale mencionar que o edifício foi construído num período importante na definição de um novo estágio do desenvolvimento urbano da cidade de Goiânia e hoje o estádio permanece praticamente inalterado em suas instalações e estrutura, enquanto construção arquitetônica. Porém, sua relação com o entorno imediato sofre constantes interferências no decorrer dos anos, que alteraram o caráter monumental da obra e mudaram as percepções do mesmo no contexto urbano. O alto desenvolvimento imobiliário do Jardim Goiás com uma verticalidade predominante modifica consideravelmente a paisagem da cidade. A visão do edifício por diversos ângulos e a relação com seu entorno têm se modificado gradativamente no decorrer dos anos. Nesse sentido, os questionamentos e reflexões sobre as transformações ocorridas direta ou indiretamente no edifício são pertinentes, uma vez que influenciaram o sentido de sua existência na paisagem e estabeleceram novas relações com o lugar construído.

2. Objetivos

O estudo sobre o Estádio Serra Dourada é parte integrante da pesquisa “Paisagens Desoladas: quatro máscaras de concreto em deriva” e tem por objetivo geral o resgate da memória do edifício, com o foco na presença do mesmo na paisagem urbana na cidade de Goiânia e suas relações de interações do espaço construído e seu entorno imediato, buscando entender as intervenções ocorridas ao longo do tempo.

Os objetivos específicos são: contribuir com o levantamento de dados e documentos realizados em arquivos públicos e privados sobre o Estádio Serra Dourada; contribuir na identificação dos atores que participaram da trajetória deste edifício; contribuir no levantamento de novos dados sobre a história do edifício a partir de relatos orais dos atores ainda vivos: pessoas envolvidas com o processo de projeto, construção e apropriação do edifício; analisar e comparar os documentos levantados, buscando tecer parte da história deste edifício e compreender sua relação com o contexto histórico, social e cultural.

3. Metodologia

Trata-se de um estudo de caso que visa analisar o Estádio Serra Dourada. Serão lidos como aporte teórico os seguintes autores: Carlos Martí Arís (1999), Hélio Piñon (2006) e Roberto

Converti (2006). O primeiro discute a *história* como modo de entender o presente, apresentando uma análise bastante didática sobre as distintas maneiras de interpretar a história. O segundo aborda a dialética entre *projeto e história, lugar e tempo, e arquitetura e patrimônio*; enfocando os componentes econômico, afetivo e artístico como pontos-chave para a compreensão da problemática do patrimônio arquitetônico. O terceiro enfoca a questão das *mutações e transformações* que naturalmente ocorrem na estrutura urbana das cidades e a questão da *permanência* e das *diversidades* neste contexto de transformação.

Trata-se de um processo de coleta, seleção e ordenação de documentação textual, imagética e narrada existente sobre o edifício, bem como, relatos orais com referência ao seu projeto, construção e apropriação.

O contato com o objeto de estudo se deu por meio de pesquisa de campo composta por: levantamento fotográfico do edifício; levantamento da documentação e do material gráfico a respeito do edifício; realização de entrevistas com as pessoas envolvidas no processo de projeto, construção e apropriação do edifício; digitalização e organização das imagens e dos dados levantados; reprodução dos desenhos e projetos encontrados através de fotografias, para fins de publicação e a transcrição das entrevistas.

A intenção é criar um dossiê completo sobre o edifício, a ser disponibilizado para o público interessado por meio digital. Este dossiê constará de uma ficha técnica com as seguintes informações: dados de identificação da obra, locação na cidade, data do projeto e construção, autores do projeto arquitetônico e projetos complementares, agentes envolvidos na construção, síntese das informações históricas coletadas, dados técnicos do projeto, dados sobre o processo de construção, desenhos e fotografias.

O levantamento de dados foi feito por meio de consultas em acervos públicos e privados e da aplicação de entrevistas abertas ao engenheiro responsável pela construção do Estádio Serra Dourada, o Sr. Lamartine Reginaldo da Silva Júnior.

Os acervos consultados foram: arquivos do Estádio Serra Dourada; arquivos da AGETUR (Agência Goiana de Turismo); biblioteca da SEPLAM (Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo); mapoteca da SEPLAM; mapoteca da AGETOP (Agência Goiana de Transportes e Obras Públicas); acervo de documentos e imagens do Arquivo Histórico de

Goiânia; acervo de imagens do Museu da Imagem e do Som de Goiânia; acervo particular do engenheiro Lamartine Reginaldo da Silva Júnior, envolvido na construção do edifício.

4. Resultados

Os resultados obtidos são frutos da busca nos diversos locais que pudessem acrescentar e enriquecer a discussão sobre o Estádio Serra Dourada.

No acervo do próprio estádio, encontramos o primeiro obstáculo, em face de quase inexistência de material e conseqüente memória do edifício. Funcionários antigos nos informaram que muito material e alguns projetos teriam sido jogados fora ao longo do tempo, por estarem em péssimo estado de conservação. Ali encontramos apenas dois exemplares originais de publicações: um seria o livreto de inauguração "Conheça o Seu Estádio", promovido pela Superintendência do Estádio Serra Dourada em 1975; e o outro o livreto "Estádio Serra Dourada 22 anos", promovido pelo Governo de Goiás em 1997. Ambos foram digitalizados e gerados arquivos em formato *pdf*, para não se perderem por estarem em mal estado de conservação e para proporcionar futuras consultas.

Pelos funcionários dos estádios, fomos informados que na mapoteca da AGETOP poderia haver algum projeto ou material relevante sobre o edifício. Assim, após alguns contatos com a mapoteca, tivemos acesso ao acervo dos projetos restantes do Estádio, uma vez que alguns se perderam e não mais ali se encontravam. Identificamos 19 pranchas de projetos de Arquitetura, 39 pranchas de projetos elétricos, 237 pranchas de projetos de Estrutura; 95 pranchas de projetos Hidro-Sanitários, 5 pranchas de projetos de Telefone e Som, 3 pranchas de projetos de Topografia, 27 pranchas de projetos de Terraplanagem e Geologia. Essa pesquisa culminou na elaboração de um quadro com a identificação e informações dos projetos existentes, o que facilita futuras consultas ao acervo.

Consultamos a AGETUR considerando que a mesma foi a responsável pela elaboração do dossiê de apresentação de Goiânia como sede da Copa de 2014. Não obtivemos materiais concretos acerca da edificação em estudo, uma vez que o dossiê contemplava de forma geral a cidade de Goiânia, destacando o Estádio Serra Dourada. Assim, temos como resultado um arquivo digital em formato *exe*, no qual há a apresentação da cidade de Goiânia na campanha de candidatura para a Copa 2014.

Na busca na biblioteca e mapoteca da SEPLAM, obtivemos 3 imagens do levantamento aero - fotométrico da área do estádio nos anos de 1960, 1975 e 1992. Essas 3 imagens estão disponibilizadas em formato *jpeg*, para futuras consultas e análises da área do entorno do estádio.

Ainda buscando compreender o entorno do estádio, consultamos o programa *Google Earth* com foco na área abrangente do estádio. Obtivemos 8 imagens aéreas da área do estádio do nas datas de 23/08/2002, 24/11/2003, 02/09/2004, 01/04/2005, 28/05/2006, 18/06/2007, 08/10/2008 e 21/03/2009, o que gerou 8 imagens disponibilizadas em formato *jpeg*, para futuras consultas e análises da área do entorno do estádio.

Realizamos um levantamento fotográfico do edifício, tanto da sua composição externa na paisagem, como das áreas internas, circulações e campo. Esse processo resultou em 27 imagens que estão disponibilizadas em formato *jpeg*.

Em visitas ao acervo do Estádio Serra Dourada, bem como, da mapoteca da AGETOP, o nome do engenheiro Lamartine Reginaldo da Silva Júnior era sempre mencionado, uma vez que o mesmo participou da construção do Estádio. A partir do contato com ele, resultou uma entrevista, disponibilizada em arquivo no formato *pdf*.

Em visitas ao acervo pessoal do engenheiro Lamartine Reginaldo da Silva Júnior, podemos perceber a grande quantidade de fotos e recortes de jornais acerca do Estádio Serra Dourada. Ele nos cedeu um exemplar original do convite de inauguração do estádio.

Ainda no acervo pessoal do engenheiro Lamartine, obtivemos a digitalização de 96 fotos em arquivos no formato *jpeg* proveniente dos originais; 11 arquivos no formato *jpeg* proveniente da digitalização de recortes de jornais; 1 arquivos no formato *jpeg* proveniente da digitalização de croqui.

Há ainda uma análise dos aspectos gerais do edifício (composição, construção, estrutura, materiais, volume, implantação), disponibilizada em arquivo digital no formato *pdf*.

O conjunto das informações adquiridas, aliadas ao programa de extensão da UFG (Universidade Federal de Goiás) com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional), resulta no preenchimento da ficha de cadastro, na qual elementos e informações importantes do edifício são ali apontadas e relacionadas, o arquivo está disponibilizado em arquivo digital no formato *pdf*;

Todos os resultados obtidos serão organizados em forma de um dossiê e disponibilizados em arquivos digitais, para que possam ser utilizados para futuras consultas e pesquisas.

5. Discussão

Segundo MARTÍ ARÍS (1999), "os verdadeiros objetivos da obra de arquitetura não tratam de utilizá-la como expressão de emoções ou veículo de fantasias, mas fazer que ela seja capaz de revelar dimensões ou aspectos da realidade que interessam a todos". A partir dessa idéia, podemos traçar um paralelo entre o processo de idealização, construção e ocupação do Estádio Serra Dourada e o contexto histórico, social, econômico e cultural que o envolveu.

Para compreendermos o edifício na atualidade, buscamos um resgate de sua história, baseado nas documentações consultadas e informações coletadas, bem como, nos relatos do engenheiro Lamartine Reginaldo da Silva Júnior, que era mencionado freqüentemente nos lugares pesquisados. Vale dizer que ele teve uma participação ativa no processo de escolha do local, da área de implantação e da construção do Estádio, sendo uma figura central para o fechamento e intercalações dos resultados.

A decisão de construir um novo Estádio para Goiânia se fez a partir da constatação da precariedade do Estádio Olímpico Pedro Ludovico que não permitia a realização de jogos importantes, pois não tinha capacidade para abrigar um grande público. A existência de um grande Estádio seria condição indispensável na presença do Estado de Goiás no panorama Nacional. De outro lado, a construção de um novo estádio permitiria uma múltipla integração, mesmo por que se trataria de um grande gerador de fluxos e aglomerador de público. (SUPERINTENDÊNCIA DO ESTÁDIO SERRA DOURADA, 1975).

Leonino Caiado, à época governador do Estado de Goiás determinou ao engenheiro Lamartine Reginaldo da Silva Júnior, então diretor geral da Fundação Estadual de Esportes, órgão antecessor da Secretaria de Esporte e Lazer do Estado de Goiás, que iniciasse ao processo de construção do novo estádio. Lamartine formou uma equipe com mais três

arquitetos da antiga SUPLAN: Armando Antunes Scartezini, Silas Rodrigues Varizo e Ariel Veiga Costa Campos. Os primeiros passos foram definir a capacidade do estádio e qual seria sua localização. (SUPERINTENDÊNCIA DO ESTÁDIO SERRA DOURADA, 1975).

Depois de minucioso levantamento das áreas disponíveis na Capital, a equipe chegou a conclusão que o local ideal seria à margem da BR-153, que oferecia fácil acesso e escoamento de trânsito, além de grande área existente para estacionamento. A idéia era construir um estádio que não enfrentasse problemas no futuro, principalmente com respeito a acessos e estacionamento. (CAIXETA e VASCO, 2010).

Então, adquirida a área de 500 mil metros quadrados, com capacidade para receber além do estádio e amplos estacionamentos, outras obras complementares no futuro, como um parque com várias opções esportivas e um cinturão verde. O lugar escolhido era uma área relativamente alta, ainda não habitada, portadora de uma topografia ligeiramente planificada e de fácil visualização. O entorno era aberto, não havia qualquer tipo de construção ou urbanização na região. (CAIXETA e VASCO, 2010).

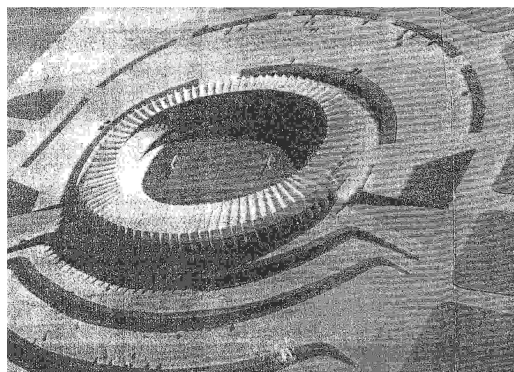


Figura 1: FOTO DA MAQUETE DO 1º PROJETO – ARQUITETOS: SILAS VARIZO, ARMANDO SCARTEZINI E ARIEL VEIGA, 1972.

Fonte: acervo particular de Lamartine Reginaldo

Normalmente, a implantação dos grandes estádios é muito próxima a vias de grandes fluxos, com poucas áreas de estacionamento que geralmente não comportam a demanda. No caso do Estádio Serra Dourada, desde as primeiras idéias e favorecidas pela aquisição da grande área, seria possível a implantação do grande equipamento urbano de forma aberta e cuidadosa, permitindo a suavização do edifício na composição visual da paisagem.

Podemos perceber pela Figura 1, o primeiro projeto de autoria dos arquitetos goianos Silas Varizo, Armando Scartezini e Ariel Veiga busca a valorização das áreas do entorno, as

rampas e os acessos. O que percebemos é essa busca da valorização do sítio de instalação, ressaltando esse caráter de equipamento único na cidade. A implantação pretendia tirar partido da grande área, deixando o edifício ressaltar o caráter de edifício singular, de monumentalidade. Os edifícios singulares são aqueles de valor e significação social, política ou religiosa que vão adquirir grande individualidade e expressão no seu posicionamento urbano, por norma a fechar lados de praças. (LAMAS,1993)



Figura 2: FOTO DE PAINEL DO 1º PROJETO – ARQUITETOS: SILAS VARIZO, ARMANDO SCARTEZINI E ARIEL VEIGA, 1972.

Fonte: acervo particular de Lamartine Reginaldo

A liberdade adquirida pelo edifício é ainda mais evidente quando se analisa a Figura 2, onde se evidencia as dimensões da proposta inicial, que previa inclusive o resguardo total das fachadas do edifício, inclusive com o afastamento da BR-153. Em seu redor, áreas verdes e áreas de estacionamento se integram e se espalham. Grandes praças de convivência e de esportes são previstas, além dos parques verdes. Essa área corresponderia hoje ao que seria o Parque Flamboyant e as imediações a oeste, norte e sul, por um raio de até mais de um quilômetro, sendo limitado pela BR-153 a leste. Essa questão é ainda mais reforçada pelos levantamentos e projetos topográficos e geológicos feitos na área de sua implantação, encontrados na mapoteca da AGETOP.

Os acessos foram fortemente estudados pela equipe que visavam facilitar a chegada ao estádio por todas as direções, com várias possibilidades viárias. Tratava-se então de uma região inabitada. Esse primeiro projeto foi adaptado, dando espaço para o projeto do arquiteto paulista Paulo Mendes da Rocha. A Figura 3 nos mostra um dos últimos estudos de viabilidade viária no sítio de implantação do edifício. Observamos uma preocupação com os sentidos de fluxos das vias, inclusive marcando os pontos de convergências.

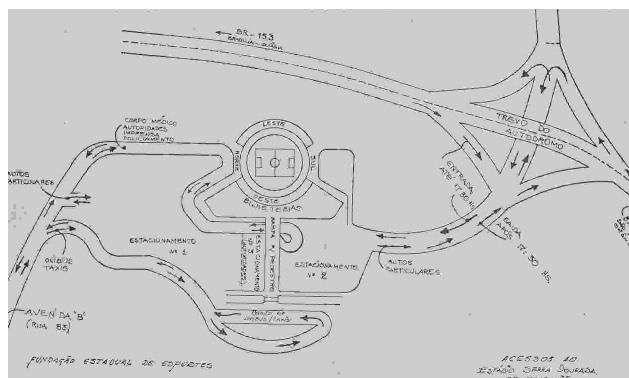


Figura 3: ESTUDOS DE ACESSO AO ESTÁDIO, 1973
 Fonte: acervo particular de Lamartine Reginaldo

A implantação do edifício sofreu algumas modificações mesmo antes do início das obras. Uma vez que o Estado não provinha de grandes recursos financeiros para a empreitada de uma grande obra, definiu-se que os parques e áreas verdes seriam consolidados futuramente, dando prioridade à construção do estádio, vias de acesso e estacionamentos, conforme consta na Figura 4. O grande marco do projeto esportivo do Estádio Serra Dourada é exatamente na fuga da cobertura comumente usada. Aqui percebemos que o arquiteto Paulo Mendes da Rocha tira partido da leveza, tratando a cobertura em balanços, além de criar no interior do estádio dois grandes jardins, que acaba por ressaltar as áreas verdes externas.



Figura 4: MAQUETE DO PROJETO DEFINITIVO DO ESTÁDIO –
 Arquiteto: PAULO MENDES DA ROCHA, 1973.
 Fonte: acervo particular de Lamartine Reginaldo

A busca para a identificação e valorização desses espaços externos foi vastamente explorada. Após o início das obras do edifício, os estudos para a apropriação e adequação das áreas do entorno imediato foram cuidadosamente pensados e analisados (CAIXETA e VASCO, 2010), como percebemos no estudo de grades de proteção da Figura 5.

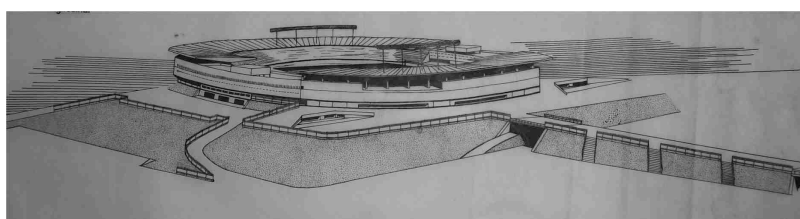


Figura 5: ESTUDOS DE GRADES DE PROTEÇÃO - Fonte: acervo mapoteca da AGETOP

A construção do Serra Dourada começou no dia 31 de março de 1973. No dia 09 de março de 1975, menos de dois anos, o estádio estava pronto. Na Figura 6, podemos observar que o Jardim Goiás em 1975 é praticamente desocupado, tendo o equipamento esportivo forte presença na composição paisagística. Desde então, seu projeto inicial de apropriação das áreas circundantes através de praças e parques não se consolidou, mesmo por se tratar de desinteresse político e econômico, o que resultou na continuidade e comercialização do loteamento. Tal fato deturparia a concepção original da vasta área a ser incorporada no complexo do edifício. Nas décadas de 80 e 90, inicia-se um processo de apropriação de algumas glebas do terreno do edifício, para fins institucionais, como é o caso do Corpo de Bombeiros, delegacia e creche. Na figura 7, percebemos como o entorno se modificou rapidamente, com a ocupação do solo, inclusive com a presença de uma invasão na área antes destinada para ser um parque. A BR-153 recebe um viaduto nas proximidades do estádio, o que facilitaria ainda mais seu acesso. Em 1992, o adensamento da região é predominantemente horizontal, não alterando a visão geral do edifício. (SUPERINTENDÊNCIA DO ESTÁDIO SERRA DOURADA, 1975).



Figura 6: LEVANTAMENTO AERO-FOTOMÉTRICO 1975. Fonte: acervo SEPLAM



Figura 7: LEVANTAMENTO AERO-FOTOMÉTRICO 1992. Fonte: acervo SEPLAM

No final da década de 90, o Estádio Serra Dourada tem sua percepção alterada drasticamente com a inserção do Goiânia Arena, um ginásio poliesportivo instalado a poucos metros da lateral nordeste do edifício, fato este que muito influi na forma como o edifício se configura na paisagem urbana. A figura 8 nos mostra que em 2002, o adensamento do Jardim Goiás ainda é baixo, pouco ocupado, apresentando algumas verticalizações pontuais. No perímetro da área do estádio, há a inserção de novos órgãos públicos.



Figura 8: IMAGEM AÉREA 23/08/2002. Fonte: Google Earth
Figura 9: IMAGEM AÉREA 21/03/2009. Fonte: Google Earth

A Figura 9 nos apresenta um quadro mais atual da região. Comparando com a Figura 8, notamos a forte transformação da região. A ocupação tem ocorrido de forma rápida e contínua, de empreendimentos residenciais e verticais. Tal fato modifica completamente o gabarito do bairro dificultando sua permeabilidade visual. Conseqüentemente, altera a forma como a imagem do estádio é percebida e apreendida por diversos ângulos da cidade.

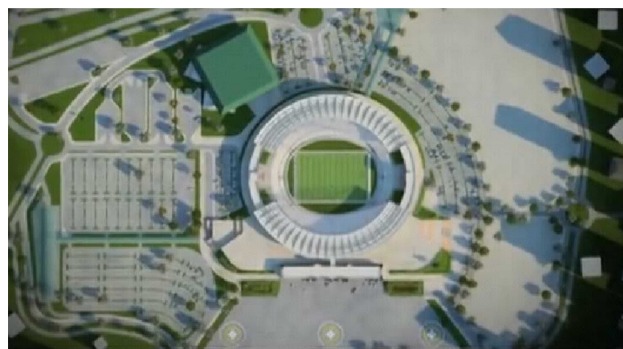


Figura 10: MAQUETE DE ESTUDOS 2009. Fonte: GOIASTUR

Na campanha de candidatura para a Copa 2014, Paulo Mendes da Rocha apresentou um novo projeto de adequação do edifício às novas exigências da FIFA. A proposta é de revalorização do entorno imediato, uma integração dos estacionamentos com áreas verdes. O edifício

original receberia uma nova cobertura adaptada e haveria um acréscimo de um pavilhão na fachada oeste, conforme se vê na Figura 10. Na imagem, já se considera a sombra das edificações verticais, que formam um verdadeiro paredão visual na região.

Recentemente, em maio de 2011, as vias do anel circundante ao Estádio são duplicadas, a fim de atender a crescente demanda de carros e fluxos da região. Vale mais uma vez mencionar que esta duplicação acarreta em mais perda da área destinada a parques e convivência, fruto da intenção inicial da proposta.

O processo de implantação e adequação do espaço lindeiro do Estádio Serra Dourada continua em constante discussão e transformação. O uso destas áreas é de estacionamento ocasionado pelos jogos ou outros eventos, não tendo uma função de integração e diversidade, tão sugerida para os espaços públicos: “... ao fenômeno de habitar o espaço público contemporâneo, logrando que, em cidades tão diversas como Paris, Lisboa, Haifa, Berlim, Rio de Janeiro, São Paulo, Estocolmo e Bruxelas, o confronto e o conflito social, dêem lugar a instâncias superadoras através de trabalhos artísticos e acontecimentos educativos, gerando territórios de imagens e instalações urbanas que destacam os modernos princípios dos direitos humanos e da diversidade cultural, criando mensagens que, inclusive e fundamentalmente, redefinem ética e esteticamente o espaço de todos na Cidade”. (CONVERTI, 2006).

6. Considerações Finais

O Edifício do Estádio Serra Dourada permite múltiplas sensações, variando entre as diversas formas de relação entre o homem e o ambiente construído, bem como entre o edifício e o entorno no qual é inserido. Dentro do estádio, os grandes vãos obtidos pelos pilares redondos dispostos de forma proporcional e repetidos causam sensação de harmonia. Isso acontece através da estrutura que define bem a composição do edifício. São pilares ritmados, vigas contínuas, planos de marquises, arquibancadas contíguas junto com o concreto armado dão forma ao edifício. A obra se dispõe a alcançar imponência no espaço edificado, adquirindo um caráter monumental na paisagem. O conjunto de elementos estruturais harmonizados no contexto transforma a forma em lugar construído, no sentido da vivência e construção de imagens no coletivo.

Os 160 mil metros quadrados de área construída comportam mais de 50 mil pessoas, que recorrem ao lugar construído (estádio) em busca do lazer esportivo de grande popularidade e importância para o brasileiro: o futebol. O desenho do estádio permite ao espectador uma visão ampla da arena (o campo de futebol), a qual atrai as atenções durante os jogos, mas permite também a visão geral das arquibancadas, revelando a emoção e agitação de outros usuários. Os grandes anéis internos de circulação favorecem as circulações e fluxos.

A técnica de construção utilizada em todo o edifício é o concreto armado. Os grandes vãos são obtidos pela eficiência desse tipo de estrutura. O acabamento se dá pelo uso do concreto aparente, uma das principais características encontradas na Arquitetura Modernista. Detalhe especial para as grandes marquises de cobertura das arquibancadas com vão livre de 48m. Elas acompanham o desenho da composição, evidenciando as arquibancadas. A estrutura valoriza a forma, enquanto a escala e o material utilizado nos pilares permitem leveza e aberturas nas fachadas que deixam aparecer partes do interior do edifício. Esses elementos em conjunto e a tecnologia neles aplicada elaboram a estrutura que gera a forma do edifício num misto de simetria, simplicidade, funcionalidade e racionalidade.

Segundo os princípios de Vitruvius de que um edifício para ser considerado harmônico deve atender às idéias de *firmitas*, *utilitas* e *venustas* (respectivamente solidez, funcionalidade e beleza). Pode-se dizer que a obra consegue se apresentar como uma estrutura sólida na paisagem e robusta pela firmeza da constituição de sua composição. (MAHFUZ, 2007). A funcionalidade é percebida pela constante utilização de elementos que favorecem a boa relação do homem com o ambiente construído. As arquibancadas, corredores, pilares e demais elementos se dispõem na construção em medidas e espaçamentos adequados aos usos e acessos. A beleza se revela pela imponência que o edifício adquire na paisagem, ao mesmo tempo em que toma partido da simplificação de dimensões e forma. Levemente enterrado no terreno, o edifício ameniza suas grandes dimensões externas. Uma grande área aberta, rampas de acesso, desníveis, amplos estacionamentos reforçam seu destaque de monumentalidade.

A dinâmica de crescimento atual influenciou de forma marcante o olhar para o edifício singular. A cidade cresce, se expande e adquire novas formas de ocupação, usos e tipologias. Mas não há uma evidente preocupação como os novos espaços interferem nos espaços já existentes. E essas inter-relações desconsideradas interferem consideravelmente no comportamento e expressão dos lugares. A especulação imobiliária gerou fortes

transformações no entorno do Estádio Serra Dourada, mas trouxe, sobretudo pessoas para seus arredores, o que nos sugere novas diversidades e possibilidades.

Para PINON (2006), “a relação do edifício com seus arredores fica mais em evidência com a insuficiência de estilismos e fantasias invertebradas para abordar a arquitetura: no modo de olhar e responder à cidade é posta à prova a dialética entre sentido comum e sentido da forma que caracteriza todo projeto de arquitetura autêntica. O projeto moderno não apenas atende à vizinhança do edifício como não pode prescindir da sua consideração. As condições do lugar na medida em que estimulam e ao mesmo tempo limitam a concepção é um elemento essencial para a identidade do edifício”.

7. Referências Bibliográficas

CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira, VASCO, Flávio Fernandes. Entrevista a Lamartine Reginaldo da Silva Júnior. Áudio. Goiânia, 13/09/2010.

CONVERTI, Roberto. **Espaço público. Direitos humanos e diversidade cultural.** Drops, São Paulo, 06.014, Vitruvius, mar 2006. Disponível: <http://vitruvius.es/revistas/read/drops/06.014/1679>, acessado em 10/06/2011.

LAMAS, José M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

MAHFUZ, E. C. **Reflexões sobre a construção da forma pertinente.** 2007. Disponível em: www.vitruvius.com.br/arquitextos, acessado em 04/05/2011.

MARTÍ ARÍS, C. “El Movimiento Moderno y la interpretación de la historia”. In: **Revista Arquitectura**, Colégio de Arquitectos de Madrid/ COAM, (1999), Madrid, p. 30-32.

PALLASMAA, Juhani. “A geometria do Sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura” In: NESBITT, Kate (org). **Uma nova agenda para a arquitetura.** Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

NESBITT, Kate. (org.) “Fenomenologia do significado e do lugar”. In: **Uma nova agenda para a arquitetura.** Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

SCHULZ, Christian Norberg-. “O fenômeno do lugar” In: NESBITT, Kate (org). **Uma nova agenda para a arquitetura.** Antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

PIÑON, H. **Teoria do projeto.** Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.

SUPERINTENDÊNCIA DO ESTÁDIO SERRA DOURADA. **Conheça o seu Estádio.** Goiânia, 1987.